

## A História de 1964 pelas Ondas da Rádio Jornal do Brasil-AM<sup>1</sup>

Ana BAUMWORCEL<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

Ao analisar a retrospectiva de 1964 transmitida, no dia 31 de dezembro, pela *Rádio Jornal do Brasil-AM*, este artigo evidencia como o discurso da ordem cultural dominante, instaurado a partir do golpe do dia 31 de março, predomina no programa. Como integrante da *Rede da Democracia*, ao lado das rádios *Globo* e *Tupi*, a *RJB-AM* participou da campanha contra o que denominou de “ações subversivas do governo” e, assim, contribuiu, no campo discursivo, com o movimento de articulação política pela deposição do presidente João Goulart. Revela-se, então, uma “retórica de adesão” por parte da *RJB-AM*. Mas a partir de uma escuta atenta, outros sentidos, contraditórios, também foram decodificados neste programa de 1964.

**Palavras-chave:** mídia sonora; discurso radiofônico; história de 1964; ordem cultural dominante; decodificação de sentidos.

Este artigo analisa o discurso<sup>3</sup> do programa *Música e informação 64*. Produzido pela equipe da *Rádio Jornal do Brasil-AM* e transmitido no dia 31 de dezembro de 1964, este documentário se insere nas retrospectivas feitas de 1963 até 1976 pela emissora carioca. Gravadas em discos em vinil, *long play*, essas retrospectivas anuais fazem parte de uma série que constitui um documento sobre a sonoridade da época e preserva as vozes da história.

Com o objetivo de desvendar qual foi a posição enunciativa da *RJB-AM* em relação àquele momento histórico será feita uma “desconstrução” da mensagem sonora do documentário, que narra “os fatos que se transformaram nos grandes acontecimentos do ano”, como anuncia a emissora. Quais foram os sentidos produzidos na época, possíveis de serem percebidos atualmente, a partir da materialidade discursiva da retrospectiva *Música e informação 64*? Este artigo utiliza o aporte teórico-metodológico da análise do discurso<sup>4</sup>.

O que primeiro chama a atenção é o formato do programa que, aparentemente, não tem um roteiro. Apesar de seguir uma ordem cronológica, parece que foi feito apenas para os que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014.

<sup>2</sup> Professora Doutora da área de Rádio da Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: [anabaumw@yahoo.com.br](mailto:anabaumw@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Discurso enquanto efeito de sentido entre sujeitos num determinado contexto (PÉCHEUX, 1988).

<sup>4</sup> Na análise do discurso, o enunciado é visto como uma unidade discursiva, caracterizado enquanto elemento de uma prática social, estando incluída a sua relação com o sujeito (ou melhor, com as posições do sujeito) e com outros enunciados. Este trabalho aborda a materialidade da linguagem radiofônica e não dos enunciados isoladamente. A proposta é entender a produção de sentido instaurada por um tipo de enunciado que pressupõe na sua constituição a sonoridade. No caso do rádio, o efeito de sentido pode ser percebido não só pela palavra, mas também pela sonoridade, pelos recursos não verbais utilizados num momento histórico por determinados sujeitos.

viviam aquele momento e conheciam os fatos e personagens envolvidos. Provavelmente, hoje, 50 anos depois, um jovem de 20 anos não vai compreender tudo o que é dito.

Sendo o segundo programa da série, percebe-se que o estilo documentário ainda não havia sido totalmente incorporado e a colagem do material sonoro foi feita sem um texto de “costura” que esclareça melhor os acontecimentos da época. Por exemplo, quem não sabe que João Pinheiro Neto foi presidente da SUPRA que significa Superintendência de Política Agrária, perde a sequência do relato, por falta de informações na apresentação de atores sociais e das situações vividas naquele ano. A narrativa do programa é feita a partir de uma colagem de frases, sonoras e músicas, que enumera fatos, mas não os explica.

Elmo Rocha, chefe dos operadores de áudio da emissora de 1959 a 1988, já falecido, em entrevista à autora em 1998, recordou que esses programas eram preparados com antecedência e que, “durante o movimento de 64”, ele “gravava outras rádios, pronunciamentos e, assim, a *RJB-AM* mostrava o que ocorria em vários estados”. O relato do golpe em si, clímax desse documentário, é feito a partir da colagem de trechos do noticiário de outras emissoras.

Inicialmente, as retrospectivas eram produzidas por Elmo Rocha e por Fernando Veiga, editor geral da rádio dos anos 1960 a 1990, também já falecido. Depois, os dois perceberam a necessidade de um redator que fizesse “um texto amarrando aqueles trechinhos todos das sonoras” que eles iam gravando e separando ao longo do ano, como contou Elmo.

### **Uma análise de retórica**

Na comparação entre *Música e informação 64* com outros dois documentários de retrospectiva da *RJB-AM*, como *A história de 1968* e *A história de 1975*, percebe-se as diferenças, seja no formato, seja na posição enunciativa adotada<sup>5</sup>. Os três programas foram feitos durante a ditadura no Brasil, que calou muitas vozes com prisões e cassações. É impossível, portanto, compreendê-los fora de suas historicidades. E as sutilezas de cada momento político são identificáveis em cada uma dessas retrospectivas. Por exemplo, o programa de 1964 da *RJB-AM* não fala de uma posição enunciativa de “retórica de

---

<sup>5</sup> As duas retrospectivas da *RJB-AM* - *A história de 1968* e *A história de 1975* - foram analisadas pela autora em estudos anteriores. Ver BAUMWORCEL (1999, 2003, 2005, 2011).

resistência”, como a que foi identificada na análise feita dos documentários de 1968 e 1975<sup>6</sup>.

Em *A história de 1968*, a *RJB-AM* ocupou duas posições enunciativas antagônicas no documentário de fim de ano, mesmo sob o efeito do Ato Institucional n.5 e com censura à imprensa. Uma posição que reproduziu a imposição do regime, silenciando falas, ocultando fatos etc. Outra, que dizia o que precisava calar. E para isso, a emissora falou através da voz do outro. Outro que entrava em cena por meio das sonoras. A rádio deu voz aos vários atores da sociedade, mesmo os perseguidos, como, por exemplo, o presidente da UNE, Vladimir Palmeira.

Fez-se entender também pela sonoridade, ao reproduzir dois planos acústicos. Era como se houvesse um choque entre várias vozes: a da rua, enquanto espaço simbólico de contestação, e a do estúdio, como poder, fosse o da emissora como mediadora, fosse o do sistema, quando esta reproduzia o discurso da ditadura. E no interstício destes dois planos, essa ambiguidade produziu uma “retórica de resistência” com sentidos contraditórios que coexistiram nas “entrelinhas” do discurso sonoro. Alguns momentos de *A história de 1968* representam o que era possível expressar, outros ultrapassam, através do implícito, o dizível numa época de repressão política no país.

No programa *A história de 1975*, ano marcado pela tortura aos presos políticos e o agravamento da disputa interna do regime entre a “linha dura”, poder militar paralelo que ameaçava a ordem dentro das Forças Armadas, e o grupo da “distensão lenta e gradual”, do presidente Ernesto Geisel, a emissora também criou uma estratégia para o seu dizer. Construiu outro tipo de “retórica de resistência”. A *RJB-AM* valorizou o noticiário internacional, relatando horrores de ditaduras militares em outros países e utilizou a sonoridade para falar de outro lugar. Por meio de diferentes entonações, os locutores traziam, através da voz, ironia e outros sentidos ao dito. Os locutores souberam usar o silêncio enquanto pausa que deixa espaço para dúvidas, questionamentos. A forma como foi lida a notícia sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog, na prisão, é um exemplo.

Mas “na resenha dos acontecimentos de 1964”, a retórica da emissora era outra. O que se identifica na análise deste programa é uma “retórica de adesão”. No documentário feito no

---

<sup>6</sup> A retórica está ligada ao rádio, especialmente, através das características orais desse meio de comunicação. A palavra retórica é derivada do grego “rethor”, “orador numa assembleia” e significa a arte de falar bem ou a arte da oratória, isto é, a arte de usar todos os recursos da linguagem para provocar um efeito determinado nos ouvintes. A retórica além de informar, persuade (CUNHA, 1997, p.121). A retórica construída nos programas citados foi considerada de resistência por ir contra o discurso social, enquanto sentido imposto, num momento de censura política no Brasil. Quando há impedimento para falar algo e se produz um discurso que significa por outros processos, se cria uma “retórica de resistência” (BAUMWORCEL, 1999).

ano de instauração da ditadura civil - militar <sup>7</sup> no país, a posição enunciativa da *RJB-AM* é predominantemente de reprodução do discurso da ordem cultural dominante, instaurado a partir do golpe do dia 31 de março. E a construção desta “retórica de adesão” começa em 1963. Antes, portanto, do golpe de 1964, não só o apoiando, como também contribuindo para a sua realização.

A classificação do discurso a partir de uma ordem cultural dominante se apoia no modelo de *Codificação/Decodificação* de Hall (2009, p. 375). Ele destaca como dominante um padrão de leituras preferenciais que trazem embutidas a ordem social enquanto conjunto de significados, práticas e crenças. Mas este não é um processo de mão única, que governa a forma como todos os acontecimentos serão significados, como será demonstrado neste trabalho. Apesar de a *RJB-AM* construir, no programa sobre 1964, o que se pode identificar como uma “retórica de adesão”, ela não é unívoca.

### A “desconstrução” da mensagem

Esleveu-se, como *corpus* desse trabalho, o trecho do documentário, *Música e informação 64*, que apresenta os últimos dias de fevereiro até os primeiros dias de abril de 1964. O recorte do material sonoro a ser analisado priorizou este período, na perspectiva de revelar como foi a cobertura política da *RJB-AM* sobre o golpe no Brasil. O trecho selecionado visa, portanto, atender ao objetivo da pesquisa já que a retrospectiva é longa, com mais de uma hora de duração, e enumera vários acontecimentos do ano, sejam eles no âmbito internacional, cultural, econômico.

Sonoplastia de suspense.

LOCUTOR: Era o treze de março em que Jango tentava o princípio do golpe, mas que acabou significando a aceleração de sua queda. O decreto do tabelamento foi assinado no dia seguinte, enquanto o Congresso iniciava a reação contra as ações subversivas do governo. Estudantes democratas impediam João Pinheiro Neto de falar em São Paulo e o ex-presidente Dutra pedia ao Brasil que se unisse contra a subversão.

Neste trecho, aos 13 minutos e 10 do início do programa, é possível distinguir qual foi o lugar de fala da *RJB – AM* em 1964. A emissora considerou o comício da Central do Brasil,

---

<sup>7</sup> Os historiadores Aarão Reis (2014, p.13), Ferreira e Gomes (2014, p.9 e 337) defendem a participação de civis na campanha de desestabilização do governo de João Goulart e na articulação política pela deposição do presidente, o que acarretou no golpe de Estado em 31 de março de 1964, com a tomada do poder pelos militares. Destacam o papel dos governadores de São Paulo, Adhemar de Barros, da Guanabara, Carlos Lacerda, de Minas Gerais, Magalhães Pinto, de seus partidos políticos, do IPES, do IBAD, da Igreja e da própria imprensa. Dreifuss (1981) e Gorender (1987) também registraram a participação dos civis na instauração da ditadura no Brasil neste período.

realizado no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 1964, como “princípio do golpe” que, em seu ponto de vista, estaria sendo planejado pelo presidente João Goulart e os que o apoiavam. Utiliza “ações subversivas do governo” para se referir às Reformas de Base anunciadas. A palavra “golpe” foi usada, neste e em outros trechos dessa retrospectiva, associada aos atos do presidente. Aos três minutos do início do documentário, o locutor fala em “movimento conspiratório comandado pelo presidente da República”, depois, aos 9 minutos e quarenta, em “golpe de Jango”. São construções discursivas que confirmam um lugar de fala de apoio explícito aos opositores de Goulart. A *Rádio Jornal do Brasil - AM*, em alguns momentos, se refere ao “senhor” João Goulart, evitando nomeá-lo como ex-presidente.

Em relação ao movimento de 1964, identifica-o como a “revolução vitoriosa”, jargão utilizado, na época, como propaganda da ditadura e enquanto dispositivo estratégico discursivo de legitimação dos militares que assumiam o poder<sup>8</sup>. Thompson (2000, p. 81) lembra que a legitimação é um dos cinco modos de operação da ideologia, além da dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. São formas estratégicas de construção simbólica. A partir de Orlandi (1999, p. 42 e 43), acrescenta-se que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. E o estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

Qualificar os estudantes de “democratas” pelo impedimento que fazem ao presidente da SUPRA, que defendia a reforma agrária, também revela e exemplifica a posição enunciativa da rádio. A frase “Estudantes democratas impediam João Pinheiro Neto de falar (...)” produz um contrassenso sobre o conceito de democracia, como se fosse possível ser democrata e impedir a livre expressão de alguém. Era a época da Guerra Fria. Época do confronto ideológico entre capitalistas e comunistas. Da polarização mundial entre os que apoiavam um dos dois poderosos países, como os Estados Unidos e a União Soviética.

LOCUTOR: (...) O presidente Lyndon Johnson anunciava a decisão dos Estados Unidos de levarem a luta no Vietnã até o fim (...).

LOCUTOR: (...) Prestes chegava de Moscou dizendo que Krushev era pela legalização do Partido Comunista do Brasil. A UDN anunciava a retomada de

---

<sup>8</sup> Sobre os conceitos de golpe e de revolução em relação ao movimento de 1964 no Brasil, ver FERREIRA e GOMES (2014).

contatos com militares em nível de alto escalão para possível defesa contra golpe de Jango (...).

LOCUTOR: (...) Em Minas, duzentos homens da polícia dissolviam conflitos entre [palavra inaudível, não decifrada] e estudantes insuflados por organizações comunistas (...).

O comunismo era o inimigo naquele cenário político. Thompson (2000) explica que criar um inimigo comum ameaçador, contra o qual se deveria lutar coletivamente, faz parte de uma construção ideológica, que visa eliminar o outro na busca por uma unificação discursiva para legitimar o poder de um determinado grupo político ou classe social e fragmentar uma coletividade.

E é contra o comunismo, considerado como uma “ideologia totalitária que visava o fim das garantias e direitos individuais, em especial à liberdade e à propriedade”<sup>9</sup>, que os donos dos principais veículos da imprensa carioca, como Roberto Marinho, do sistema *Globo*; Assis Chateaubriand, dos *Diários Associados*; Nascimento Brito, do grupo *Jornal do Brasil*; se uniram e criaram a *Rede da Democracia*.

*A Rede da Democracia* (...) inaugurada às 22h30m, com pronunciamentos dos Srs. Nascimento Brito, Roberto Marinho e João Calmon, todos salientando o perigo a que a infiltração comunista expõe a democracia brasileira e convocando os cidadãos responsáveis, as associações e os partidos políticos a uma campanha de esclarecimento e educação cívica. Durante uma hora e meia - entre 22h30m e 24h - *a Rede da Democracia* estará no ar diariamente – estaremos em vigília cívica com mentalidade de guerra, com espírito de sacrifício, inspirados pela decisão de defendermos o regime procurando, entretanto, aprimorá-lo e humanizá-lo – declarou o deputado João Calmon. (*Jornal do Brasil*, 26/10/1963, p. 9, apud CARVALHO, 2010, p.96).

*A Rede da Democracia*, inaugurada no dia 25 de outubro de 1963 no Rio de Janeiro e idealizada pelo deputado do Partido Social Democrático (PSD), João Calmon, também vice-presidente dos *Diários Associados*, consistia num programa radiofônico transmitido pelas rádios *Tupi*, *Globo* e *Jornal do Brasil*. Sua repercussão pelo país era feita através de outras emissoras afiliadas. Os pronunciamentos difundidos pelas emissoras eram posteriormente publicados nos jornais: *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Jornal*. O cientista político e professor da UFF, Aloysio Castelo de Carvalho defende, em seu livro, o que ela simbolizava:

---

<sup>9</sup> CARVALHO, 2010, p. 16.



Simboliza, no campo da imprensa, a busca de novas formas de atuação, em face dos desafios da crise política que envolveu o governo Goulart. Seu surgimento é uma forte evidência de que os representantes da imprensa liberal se colocaram como atores políticos no governo Goulart. (...) esse amplo sistema de comunicação nacional deu voz (...), possibilitando a articulação dessas emissoras com partidos e grupos de oposição ao governo, principalmente a União Democrática Nacional (UDN), o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), que financiava as campanhas eleitorais dos candidatos anticomunistas (CARVALHO, 2010, p. 15 e 16).

As duas organizações, IPES e IBAD, financiadas pelo governo dos Estados Unidos (FERREIRA e GOMES, 2014, p. 342), publicavam artigos e informações nos jornais e enviavam mensagens políticas que eram transmitidas pelas rádios que participavam da *Rede da Democracia* (CARVALHO, 2010, p.20). Dreifuss (1981, p.231 e 232) considera que a campanha política, ideológica e militar da elite do complexo IPES/IBAD, que teve repercussão pela imprensa, foi decisiva para criar um “movimento de opinião voltado para a contenção da mobilização popular e a destituição de João Goulart da presidência”. Abreu (2006) estudou vários jornais da época e também acredita que a imprensa “contribuiu para derrubar Goulart”, se envolvendo na disputa política-ideológica ao defender o “restabelecimento da ordem mediante uma intervenção militar”.

Carvalho (2010, p. 175, 177, 178) conta que os jornais liberais valorizaram a própria imprensa como representante da opinião pública, questionando a credibilidade do Legislativo, dos partidos e responsabilizando o governo pela tensão política. Temerosos com a “participação política das massas populares, os jornais incorporaram o pensamento militar, articulando os discursos liberal e autoritário”. Para o pesquisador (Idem, p. 170) a “missão de informar o público foi substituída pela propaganda política anticomunista”.

A *Rádio Jornal do Brasil – AM* reproduzia a posição enunciativa do *Jornal do Brasil* por pertencer ao mesmo grupo empresarial. Dreifuss (1981) e Nascimento (2007)<sup>10</sup> defendem que o *Jornal do Brasil*, por trás da “fachada de órgão informativo, era usado como canal de divulgação para a campanha ideológica da elite orgânica e colaborou para que o golpe fosse aceito pelos leitores”. Carvalho, no entanto, (2010, p. 77) esclarece que, no início do governo, o *Jornal do Brasil* apoiou Goulart, como em sua posse, em 1961, em sua Política Externa Independente e se dizia porta-voz da opinião de centro, entre duas correntes:

De um lado, estariam os “direitistas nervosos que se opõem às ideias reformadoras (...) e pregam um regime de exceção. De outro, os comunistas que desejam subverter a ordem (...)”, (*JB*, 13/09/1961, p. 6). Tanto criticava o anticomunismo de Carlos Lacerda (...), quanto atacava Leonel Brizola, (...) articulado com setores da

---

<sup>10</sup> Apud CARVALHO, 2010, p. 48.

esquerda. (...) O discurso do *Jornal do Brasil* em defesa de um modelo liberal de governo representativo (...) correspondeu à adoção de uma linha editorial de apoio às Reformas de Base (...) (CARVALHO, 2010, p.80 e 82).

Esta era a linha editorial em 1961. Ainda de acordo com Carvalho (2010, p. 87, 88, 93), o *Jornal do Brasil* mudou de posição e começou a criticar Goulart no decorrer de seu governo. A antecipação do plebiscito sobre o sistema de governo para janeiro de 63 foi um dos pontos de discórdia. Em agosto de 1963, o periódico avaliava que o governo se aproximava da “esquerda radical na questão da reforma agrária e apoiava a agitação social”. Essas mudanças na linha editorial aproximaram o *JB* de *O Globo* e *O Jornal*, que desde 1961 consideravam que Jango “abraçava as causas da esquerda e se omitia em conter a mobilização de multidões ameaçadoras”<sup>11</sup>.

A inspiração para a criação da rede de empresas de comunicação concorrentes veio da Cadeia Radiofônica da Legalidade<sup>12</sup>, mas o objetivo era outro. A *Rede da Democracia* visava mobilizar a opinião pública para combater os comunistas e trabalhistas, inclusive o deputado federal pela Guanabara e ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola.

Ferreira (2014, p. 18) lembra que os setores conservadores que, em 1961, foram derrotados, aprenderam com a Campanha da Legalidade o quanto era importante, para a sociedade brasileira, a defesa da democracia e da legalidade. Em 1964, na disputa pelo significado destas palavras, esses setores instituíram outro sentido<sup>13</sup>. A *Rede da Democracia* criticava o governo:

Programa radiofônico que criticava as concepções nacionalistas e reformistas, bem como as decisões do governo Goulart, a *Rede da Democracia* reagiu às forças que incentivavam a maior participação popular na vida política (...). Com base no diagnóstico de que estava em andamento a subversão das estruturas da sociedade brasileira, os representantes da imprensa do Rio de Janeiro construíram propósitos comuns, com relação aos temas políticos que precederam o golpe de 1964. (...) uma aproximação das linhas editoriais, voltada para a articulação de uma comunicação oposicionista que conferia funções políticas à imprensa, num ambiente em que os militares estavam sendo chamados a intervir no Estado (...). O eixo central se deu em torno do combate ao comunismo (CARVALHO, 2010, p. 18).

---

<sup>11</sup> Idem, p. 95.

<sup>12</sup> A Cadeia da Legalidade, com 114 rádios que retransmitiram, durante 12 dias, a Rádio Guaíba, instalada, no dia 27 de agosto de 1961, nos porões do Palácio Piratini, pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, mobilizou a opinião pública pela posse do vice João Goulart em 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros. KLÖCKNER (2014) estudou o assunto e MOREIRA (1998) também.

<sup>13</sup> Se em 1961, a defesa da democracia e da legalidade foi usada para garantir a posse de Jango, vice-presidente eleito; em 1964, os golpistas apropriaram-se, utilizando-a, na campanha que fizeram contra Goulart, para destituí-lo.



## O tom militar num cenário de guerra

O tom alarmista predominou no discurso de combate ao comunismo, como se pode verificar na “viagem sonora aos fatos que compõem a história de 64”, contada pela *Rádio Jornal do Brasil – AM*. As palavras escolhidas, a entonação dos locutores e a sonoplastia do programa, em determinados momentos, reproduzem um ambiente de guerra, em busca de uma “união contra a subversão”, na “defesa contra o comunismo”.

LOCUTOR: (...) estouraram as primeiras notícias alarmantes (...).

Sonoplastia que cria um clima de tensão.

LOCUTOR (em tom de alerta): Crise na Marinha devido à prisão de um membro da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais.//// Governador Valadares entra em pé de guerra.//// Jango manda apreender as armas dos fazendeiros (...).

Sonoplastia de tensão.

LOCUTOR: Briga, confusão e feridos no comício da Frente de Mobilização Popular na secretaria de Belo Horizonte. (...).

Sonoplastia.

LOCUTOR: (...) Greves de todos os tipos eclodiram todos os dias desde o princípio de março./// Índios invadiram terras no nordeste mineiro e o PSD iniciou tomada de posição contra o governo. (...).

LOCUTOR (em tom dramático): Prontidão geral do Exército em todo o país para sufocar manifestações contra o Comício da Central.

Os termos empregados - “estouraram notícias alarmantes”, “em pé de guerra”, “apreender as armas”, “invadiram terras”, “prontidão geral do Exército”, “sufocar manifestações” - e a forma como foram ditos, com uma sonoplastia de tensão ao fundo, criam um clima de pânico, de perigo. Nesse trecho, percebe-se como a emissora pode ter contribuído para influenciar a opinião pública contra o governo de Goulart e para a formação de uma mentalidade anticomunista.

Acredita-se, no entanto, que a audiência é constituída por indivíduos ativos, produtores de sentido. E com apoio em Hall (2009, p.345), entende-se a mensagem midiática como uma estrutura complexa de significados, em que a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear. A decodificação da mensagem entre a audiência não é homogênea, apesar da tentativa, por parte da mídia, em hegemonizá-la. Portanto, outros fatores também influenciaram na formação de opinião dos opositores de Jango em 1964, como inflação alta, greves, medo de desapropriações etc.

LOCUTOR: Um milhão de pessoas saiu à rua para dar graças a Deus pela derrota do comunismo na Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

Sonoplastia da marcha com o hino nacional sendo cantado pela multidão.

LOCUTOR: Governadores estaduais e militares revolucionários indicaram o então general Castello Branco para a presidência da República. ///// Enquanto a Marinha expulsava os marinheiros rebeldes e elementos ligados ao governo deposto eram conduzidos para prisão, o Comando Revolucionário editava, dia 11, o Ato Institucional.

A construção do cenário de guerra pode ter contribuído, ainda, para mobilizar emocionalmente os ouvintes, principalmente aqueles que participaram das Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Os adjetivos de “revolucionários” para os militares e “rebeldes” para os marinheiros que apoiavam Jango explicitam, mais uma vez, a posição enunciativa da rádio em conformidade com a linha editorial do *Jornal do Brasil*. Falar em “elementos”, jargão da polícia para identificar criminosos, também revela o julgamento transmitido sobre o presidente deposto. O relato cronológico sobre março de 1964, aos 14 minutos e 45, com sonoplastia ao fundo, é o clímax desse documentário de fim de ano da *RJB-AM*.

LOCUTOR: O motim da Marinha estourou no dia 21 com a expulsão de trinta marinheiros que haviam participado de reunião subversiva.//// Dia 22. /// Lacerda, Adhemar e Magalhães Pinto faziam encontros de conspiração e mais doze marinheiros e fuzileiros eram presos.//// (...) A Marinha entrou em tormenta no dia seguinte quando centenas de marinheiros comandados pelo cabo Anselmo se reuniram amotinados no Sindicato dos Metalúrgicos.//// (...) Jango mandou libertar os indisciplinados e por imposição do CGT indicou o almirante Paulo Mario Rodrigues para ministro./// A oficialidade não se conformou e lançou um manifesto afirmando que o país estava sendo arrastado para o comunismo. //// Em reunião no Automóvel Clube, Jango aplaudiu os indisciplinados e declarou:

SONORA de Jango: Não admitirei que a desordem seja promovida em nome da ordem.

Sonoplastia retumbante, rufar de tambores.

LOCUTOR: Magalhães Pinto, no manifesto, lançava a senha da revolução conclamando as Forças Armadas a lutarem por sua integridade.//// O CGT advertia que a queda de Goulart estava sendo tramada por quatro governadores.

Sonoplastia que reforça o clima de tensão, mixada com som de estilhaço.

LOCUTOR: E Jango foi derrubado. /// A queda começou pela madrugada quando a Polícia Militar e as guarnições do Exército, em Minas Gerais, se levantaram em armas e o governador Magalhães Pinto iniciou a convocação de reservistas.

Sonoplastia de suspense.

Depois o programa anuncia que as emissoras de rádio e TV da Guanabara passaram o dia, “amordaçadas, sem poderem divulgar os fatos”. Informa que a *Rádio Jornal do Brasil*, após noticiar “a sublevação mineira, as dezoito e cinquenta do dia 31, foi invadida, duas vezes, por fuzileiros navais do almirante Aragão de metralhadora em punho”<sup>14</sup>. A *RJB-AM* usou

<sup>14</sup> Ferreira e Gomes (2014, p.346, 356) dão detalhes sobre a ação dos fuzileiros navais no dia 31 de março, quando eles invadiram também *O Globo*, a *Tribuna da Imprensa* e “protegeram a *Rádio Mayrink Veiga*, que defendia o governo”.

trechos de outras emissoras, principalmente de Minas e São Paulo, cujos governadores estavam na liderança do golpe, e depoimentos para relatar o dia 01 de abril de 1964. Apesar de não identificados, é possível perceber, pela voz, que os depoimentos são de opositores de Goulart, como o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, da UDN, e o presidente do Congresso Nacional, senador Auro de Moura Andrade, do PSD.

Sonoplastia de marcha militar.

SONORA com áudio de outra rádio: Atenção Brasil./// Atenção Brasil./// Atenção Minas Gerais. /// As tropas do Segundo Exército, sob o comando do general Kruel, já sitiaram o estado da Guanabara<sup>15</sup>.

Sonoplastia. Sobe som de marcha militar.

SONORA de Lacerda, não identificada neste programa: Almirante Aragão. ///Almirante Aragão./// Assassino monstruoso, incestuoso, miserável./// Almirante Aragão. /// Não se aproxime porque eu te mato com meu revólver./// Canalha./// Bandido./// Traidor<sup>16</sup>.

Sonoplastia militar.

LOCUTOR da *RJB-AM*: Por volta das quinze horas, a derrubada se consumou e as notícias da vitória da revolução puderam circular livremente (...).

Sonoplastia. Som de corneta.

LOCUTOR: Porto Alegre./// João Goulart fugiu para o Uruguai seguido de Leonel Brizola e outros elementos do governo deposto.

Sonora do presidente do Congresso, não identificada no programa: Assim sendo, declaro vaga a presidência da República [aplausos] e nos termos do artigo setenta e nove da Constituição, declaro presidente da República, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli<sup>17</sup>.

---

Com o avanço dos exércitos mineiro e paulista sobre a Guanabara, no dia 01 de abril de 1964, “as rádios Mayrink Veiga, Nacional, Mauá e MEC foram caladas pela Polícia Militar da Guanabara”.

<sup>15</sup> O comandante do II Exército, general Amaury Kruel, era amigo e compadre de Goulart, que achava que ele o apoiaria. Mas, por volta, das 22 h, do dia 31 de março, o governador Adhemar de Barros falou pelas rádios que os mineiros contariam com o apoio dos paulistas, civis e militares. Depois dele, o general Kruel também falou: “meu objetivo é salvar a pátria”. Nas primeiras horas do dia 01 de abril, o comandante do II Exército ordenou, então, à tropa que marchasse em direção à Guanabara para depor Goulart, que estava no Palácio Laranjeiras, residência oficial (FERREIRA e GOMES, 2014, p.349 e 350).

<sup>16</sup> Moreira (1998, p.65) reproduz Lacerda: “Vem a notícia sobre a invasão do Palácio [Guanabara] (...). Mandei instalar uns alto-falantes na entrada do Palácio e através do microfone desafiei o almirante Cândido Aragão (...)”. Portanto, essa sonora do documentário de 1964 é, provavelmente, o desafio de Lacerda, feito ao vivo do Palácio Guanabara, “captado pelas rádios *Roquette Pinto*, do governo do Estado, e *Inconfidência*, de Belo Horizonte”, como relatou Lacerda, e sendo retransmitido também pela *RJB-AM*. O almirante Cândido Aragão, comandante dos Fuzileiros Navais, “era ligado ao grupo do ex-governador Leonel Brizola”, adversário de Lacerda. No entanto, o almirante Aragão não invadiu o Palácio Guanabara, naquela manhã do dia 01 de abril, porque “Jango não autorizou, temeroso com os navios de guerra dos EUA que chegavam às costas brasileiras e poderiam entrar na Baía de Guanabara” (FERREIRA e GOMES, 2014, p.218, 358). Mesmo assim, a fala de Lacerda contra Aragão foi divulgada em várias rádios.

<sup>17</sup> Jango ainda estava no Brasil, quando o presidente do Congresso declarou vaga a presidência da República, em sessão, às duas da madrugada do dia 02 de abril de 1964. Apesar de ser informado sobre isso por Tancredo Neves, do PSD, Moura Andrade desligou o microfone, apagou a luz do plenário e encerrou a sessão do Congresso, que através dele legitimava o golpe de Estado. Goulart chegou a Porto Alegre, às quatro da madrugada do dia 02 de abril e pensava em resistir ao golpe, mas desistiu ao saber da intenção dos EUA em intervir militarmente no país, se necessário. Jango só foi para o Uruguai no dia 04 de abril e Brizola, um mês depois, clandestino, disfarçado em um uniforme de Brigada Militar (FERREIRA e GOMES, 2014, p.362, 363,367, 369). Portanto, houve um erro no documentário da *RJB-AM* na ordem cronológica dos fatos citados neste trecho.

Identifica-se uma “retórica de adesão” ao golpe, na maior parte desta retrospectiva, pela forma como os códigos dominantes naquele momento histórico foram reproduzidos pela emissora. Este foi o sentido preferencial. Por outro lado, também se percebe, paralelamente à “retórica de adesão”, outros sentidos, contraditórios.

Por exemplo, a *RJB-AM* reproduz trechos de emissoras [não identificadas no programa] que apoiaram o golpe, mas também retransmite o áudio de uma rádio gaúcha [não identificada no programa], que participava da tentativa de formar a Segunda Cadeia da Legalidade.

Sonoplastia. Áudio de outra emissora: E atenção, povo que se encontra no Largo, em frente à Prefeitura Municipal, continuem na expectativa, pois dentro de poucos instantes, Leonel Brizola, [palavra inaudível, não decifrada] e Sereno Chaise estarão dando ordens para o povo do Rio Grande do Sul.

No documentário de fim de ano, dá voz aos principais atores sociais do período: três sonoras do ex-presidente Goulart (PTB), três do governador Lacerda (UDN), quatro do Congresso Nacional, duas, do senador Auro de Moura Andrade e duas, do deputado Ranieri Mazzilli (ambos do PSD). O presidente Castello Branco fala quatro vezes. O deputado Doutel de Andrade (PTB), uma vez e o ministro Roberto Campos também. Silencia o deputado Leonel Brizola (PTB), destacado líder político da época, no país, que não tem voz neste documentário. Líderes sindicais ou outros representantes sociais e políticos também não aparecem no programa. No entanto, a sonora do líder petebista na Câmara, Doutel de Andrade, apresenta um trecho do manifesto de Jango, apesar de considerado “subversivo” pela emissora.

LOCUTOR: O líder trabalhista Doutel de Andrade lia na Câmara um manifesto subversivo enviado, de Montevideú, por João Goulart.

SONORA de Doutel: Conclamo todos os meus padrinhos, todos os verdadeiros democratas, a família brasileira, enfim, para a tarefa da restauração da legalidade democrática, do poder civil e da dignidade das nossas instituições republicanas.

A *RJB-AM* diz que “iniciaram-se as cassações de mandatos e as suspensões de direitos políticos”, como a do senador Juscelino Kubitschek: “O ex-presidente divulgou manifesto dizendo ter sofrido uma injustiça”. Outras medidas antidemocráticas tomadas pelo governo militar são divulgadas, mas sem adjetivos. Entre elas, a prorrogação do mandato do presidente da República, as demissões de funcionários públicos, a extinção da UNE, a intervenção federal em Goiás. A citação desses fatos em diferentes trechos do documentário produz uma controvérsia com o pronunciamento do presidente Castello Branco, reproduzido pela emissora: “Meu governo será o das leis, das tradições e princípios morais e políticos que refletem a alma brasileira”.

A *RJB-AM* usa a ironia quando afirma que o “coronel Fontenelle iniciou a revolução no trânsito carioca, proibindo dobrar a esquerda”. E mais adiante esclarece que a “Assembleia Legislativa iniciou uma ação contra Fontenelle devido às alterações no trânsito”. O coronel Américo Fontenelle era diretor do DETRAN, na Guanabara. E quase no fim do programa, lembra o acordo com os Estados Unidos.

LOCUTOR: Dia 14 [de dezembro], no Rio, Brasil e Estados Unidos assinavam acordo de empréstimo de cento e cinquenta bilhões de dólares em apoio ao programa brasileiro de estabilização, desenvolvimento econômico e reformas.

A retrospectiva, no entanto, não explicita que este acordo fazia parte do pacto entre os golpistas brasileiros e o embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, que prometeu apoiar, inclusive, em termos bélicos, a tomada de poder pelos militares.

### **Considerações finais**

Assim como o *Jornal do Brasil*, a rádio *JB-AM* adotou uma postura ideológica liberal conservadora em 1964. A partir da análise do documentário de fim de ano, este trabalho demonstra como a emissora construiu uma “retórica de adesão” ao golpe militar, contribuindo, inclusive, para a sua realização. Ao participar da Rede da Democracia, fez campanha ideológica, “em clima de guerra” contra o governo do presidente João Goulart, identificando-o como “subversivo, comunista e golpista”.

No início do governo, em 1961, assim como o *JB*, ocupou uma posição enunciativa de apoio à legalidade, se colocando no centro, “entre direitistas e esquerdistas”. Em 1963, muda de posição, se aproximando das forças políticas que queriam a deposição do presidente. No entanto, em alguns momentos, seu discurso é ambíguo. E, nessa ambiguidade, apresenta algumas vozes de oposição aos militares e os fatos que revelam, sutilmente, de forma implícita, uma postura antidemocrática da “revolução vitoriosa”.

Mas uma posição enunciativa contrária à ditadura, a *RJB-AM* só adquire, paradoxalmente, depois da censura contínua à imprensa, instaurada com o Ato Institucional n. 5, em 1968. Como revelado, em outros estudos, pela autora deste trabalho, a emissora constrói uma “retórica de resistência”. Porém, seu discurso não é linear, unívoco, nem na retórica de adesão, nem na de resistência. Certa ambiguidade coexiste em suas múltiplas estratégias discursivas em diferentes momentos históricos.

## Referências Bibliográficas

AARÃO REIS, Daniel, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ABREU, Alzira Alves de. “1964: a imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BAUMWORCEL, Ana. “Sonoridade e resistência: a Rádio Jornal do Brasil – AM na década de 60”. Dissertação. Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói: UFF, 1999.

\_\_\_\_\_. “Retórica da resistência: sonoridade e sentido”. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa de Mídia Sonora do XXVI Congresso da Intercom. Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. “Vladimir Herzog e a Rádio Jornal do Brasil AM”. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Santa Catarina: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. “O discurso de resistência à censura da Rádio Jornal do Brasil AM”. In: MOREIRA, Sonia V (org.). **70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

CARVALHO, Aloysio Castelo de. **A Rede da Democracia, o Globo, O Jornal e Jornal do Brasil na queda do governo Goulart (1961-64)**. Niterói: EDUFF, 2010.

CUNHA, Magda. “Oralidade e retórica a serviço da segmentação”. In: **Revista Famecos**, n.6, p.120-125, Porto Alegre: PUC-RGS, 1997.

DREIFUSS, René A. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERREIRA, Jorge. “O significado das palavras democracia e legalidade”. In: KLÖCKNER, Luciano e ABREU, Luciano A. e MONTEIRO, Charles. (org.) **Segunda Legalidade: registros históricos e jornalísticos**. Porto Alegre: Evangraf / Edipucrs, 2014.

\_\_\_\_\_. e GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1987.



HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KLÖCKNER, Luciano e ABREU, Luciano A. e MONTEIRO, Charles. (org.) **Segunda Legalidade: registros históricos e jornalísticos**. Porto Alegre: Evangraf / Edipucrs, 2014.

MOREIRA, Sonia V. (org.). **70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

\_\_\_\_\_. **Rádio Palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

NASCIMENTO, Márcio Santos. “A participação do *Jornal do Brasil* no processo de desestabilização e deposição do presidente João Goulart”. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2000,